

## NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM: CONJUNTURA, RESISTÊNCIA E UNIDADE

Mariana Cozzi Di Giaimo Nader

Vivemos tempos difíceis. A crise econômica que vem acontecendo no mundo, passada pelos países mais ricos para os países periféricos, bem como a ascensão do neoliberalismo como uma nova alternativa de liberalismo moderno, são fatores que vem chamando a atenção e causando conflitos nos diferentes cenários. Cada país, ao reagir de sua forma nesse contexto, vivencia, ao mesmo tempo, um cenário de resistência e também um cenário de opressão, protagonizados por diferentes agentes no campo. No Brasil, não vem sendo diferente.

O fascismo, bem como as ideias de líderes autoritários e antidemocráticos ganham força especialmente após o fenômeno Trump. Curiosamente, sua força em parcelas estadunidenses extremamente pobres, que dependiam do Estado e de subsídios foram altas, sendo que este defendia justamente uma política contrária a essas medidas. Entretanto, os partidos progressistas nos EUA afastaram-se muito da base, permitindo que seu suposto “eleitorado natural” se tornasse “estrangeiro em sua própria terra”, não se identificando mais com as ideias por sentir-se distante de seus líderes. As palavras de Trump tornavam-se, portanto, quase uma salvação milagrosa e religiosa para essas pessoas. A emoção tomou conta das urnas.

No Brasil, dois anos após a eleição de Trump vivemos um fenômeno parecido. O discurso contra imigrantes de Trump assemelha-se ao discurso de ódio de Bolsonaro às minorias e o plano de “salvação milagrosa da pátria” expõe-

se com seu discurso religioso. Novamente, a emoção toma conta das urnas, mas não só ela. As frentes de direita do país se intensificam e personificam suas demandas nas palavras dele, justamente por sentirem-se protegidas, frente a um cenário de medo de ascensão comunista no país e por sentimentos de perdas sentidos a partir do ganho de direitos pelas parcelas mais pobres. O antipetismo, as fake news e a descrença com o Estado foram outros fatores que popularizaram Bolsonaro e o tornaram novo presidente do país.

O momento vivenciado por essas eleições chamou atenção para dois aspectos principais. A esquerda por muito tempo manteve-se afastada das bases do país, perdendo força, novamente, em seu “eleitorado natural”. Evidenciou-se a necessidade que a esquerda tem de reaproximar-se delas, o que iniciou a volta desta para os centros populares, as ruas, as ocupações urbanas e ao cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras. A ida às ruas para protestar e o poder popular também intensificaram-se com as eleições e, ao clarearem os lados, fortaleceu e ampliou as possibilidades para que outras esquerdas possam se fortalecer, com novas ideias e possibilidades, frente a um cenário de

extremo antipetismo no país. Entretanto, as eleições chamaram atenção também para um fator muito alarmante: há um fortalecimento de ideais fascistas no país, protagonizados especialmente pelas memórias dos tempos de ditadura e dos ataques que vem ocorrendo à mulheres, negros, parcelas LGBT+, e até mesmo às Universidades.

Frente a todos esses aspectos, a única certeza é que ainda vivenciamos uma nuvem que não expõe claramente o que virá nos próximos anos. Temer, ainda que um vilão para os direitos sociais, saúde e educação, não apresentava ameaça explícita frente às militâncias e resistências do país. A ascensão fascista no país demonstra claramente a necessidade de conscientização da população e de unidades de suporte e acolhimento frente aos anseios do que pode estar por vir. É necessário fortalecermos nossas alianças, e conversarmos com as pessoas, para que juntos possamos resistir às ameaças. Fortalecer-se nas ideias é necessário no processo de manutenção da nossa frágil democracia.

Nesse contexto, colocar o Diretório Acadêmico da FACE, agora chamado de João Batista Franco Drummond (em homenagem à um aluno da FACE morto na época da Ditadura) à disposição da luta e dessa unidade de acolhimento e resistência para a Universidade é extremamente importante e necessário. São tempos de medo e é por meio também das lutas diárias que se fortalecem os campos de pensar crítico e de diálogo para que possamos desenvolver, juntos, possibilidades no plano macro. A luta não se dissocia do cotidiano.

Durante a segunda semana de outubro realizamos mais uma edição anual da Semana Face, evento organizado anualmente pelas gestões do diretório acadêmico, com o objetivo de tratar temas pertinentes para o contexto vivido. Como tema deste ano, tratamos sobre História e Resistência, pautando um debate sério acerca da história do DA; revitalização do espaço; a história do movimento estudantil; a luta indígena e o agronegócio; a resistência LGBT+; o cenário cultural

independente de Belo Horizonte; o mito do milagre econômico na época da Ditadura e principalmente, dentre outros muitos temas, a reformulação do nosso Estatuto como fundamental no processo de proteção do nosso movimento.

Na semana seguinte, em conjunto com outros alunos, fizemos uma descomemoração da ditadura para refletirmos e incomodarmos sobre como foi a perseguição do movimento estudantil durante esse período. Foi um período de recolhimento e reflexão acerca de tudo o que a história carrega de tempos sombrios em que a resistência compactuava afronta às estruturas da sociedade. Mas foi também um período para refletirmos sobre o nosso papel enquanto alunos e instituição na defesa uns pelos outros e pelas nossas causas.

Não vem sendo tempos fáceis, as eleições foram um período de extrema luta e sermos essa resistência torna-se ao mesmo tempo que necessário, uma tarefa preocupante. Temos que estar juntos, cuidar da saúde mental de cada um de nós, fortalecermos nossas convicções para caminharmos juntos.

Pensando nisso tudo, estamos atuando por meio de agendas unificadas. Estabelecer relação com o movimento estudantil da UFMG como um todo, dialogar com diferentes parcelas da Universidade, fortalecer espaços de acolhimento e saúde mental na FACE, atuando em parceria com a El FACE (Escuta Integrada da FACE) e também movimentar nosso espaço físico são algumas das ações que travamos nos últimos tempos para nos prepararmos juntos para os próximos anos.

Especialmente no que diz respeito a esses espaços de luta e de acolhimento, destacamos a importância que a Escuta tem para a comunidade da FACE. Mais do que receber casos de problemas relacionados à faculdade, é também uma possibilidade de cuidado gratuito com nossa saúde mental. Etel Rossi, psicóloga responsável, atua também como uma conselheira profissional para as questões emergenciais na vida de cada um.

Dar orientações sobre cuidados, auxílios e acompanhamentos psicológicos periódicos, dentre

outros. Um processo extremamente necessário que ainda hoje é subvalorizado por uma sociedade produtivista.

Por fim, nossas propostas e projetos enquanto Gestão Face Plural do Diretório Acadêmico se prolongam até o final de Abril de 2019. Sabemos que a passagem de ano será um período extremamente conturbado e estamos desde já preparando agendas de luta e de resistência para ir lado a lado aos alunos e alunas, representando-os nos preocupando com todas as esferas da representação estudantil.

Se Marielle é semente, se a luta de povos minoritários é semente, se nossa resistência é semente, que sejamos todos juntos as mãos, corpos e mentes necessários para a sobrevivência da nossa frágil mas indispensável democracia. Já dizia Paulo Freire “A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. (...) Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira”.

Vamos juntas e fortes.

FONTES:

<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/12/explicacao-fenomeno-donald-trump.html>